

# O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA

**DENISE PEREIRA  
MARISTELA CARNEIRO  
(ORGANIZADORAS)**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019



# O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA

**DENISE PEREIRA  
MARISTELA CARNEIRO  
(ORGANIZADORAS)**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019



2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
B823	<p>O Brasil dimensionado pela história [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-823-6 DOI 10.22533/at.ed.236190312</p> <p>1. Brasil – História. 2. Brasil – Fronteiras. I. Pereira, Denise. II. Carneiro, Maristela. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 981.65</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O Brasil, como qualquer outro país, é produto de conflitos, tensões e representações. Ao mesmo tempo uma imposição de condições circunstanciais e da assimilação de discursos internalizados, o Brasil existe na mente de seus habitantes como uma abstração, uma identidade coletiva, antes de se colocar como uma linha mais coerente de ideias encadeadas. Um recorte geográfico gigantesco. Uma economia complexa. Uma emblemática coleção de territórios, paisagens emocionais, panoramas urbanos. Uma frustrante cadeia de problemas políticos, sociais e ecológicos. Uma história. Múltiplas histórias.

Pois todos os fios das lutas e idiossincrasias que unem para constituir a trama deste país, um quadro complexo, variado e repleto de contradições, não podem ser compreendidos senão como produtos e signos dos contextos históricos em que nasceram. A história oferece um conjunto único de lentes, que nos permite detectar e apreciar os intrincados desenhos que compõem essa rica trama. A história permite dimensionar (e tensionar) diferentes bases, possibilitando outros olhares e enquadramentos, que complexificam as narrativas que contam e ressignificam o próprio conceito de Brasil.

Economia. Política. Arte. Religião. Educação. Campos de ação que fracionam a experiência humana em unidades compreensíveis e manuseáveis, produzindo especialidades e, mais importante, especificidades. Pela mirada da história podemos vislumbrar cada um destes recortes por intermédio das trajetórias descritas e geradas pelos mesmos, permitindo-nos melhor apreciar as facetas e dimensões deste país. Diferentes campos convergem para construir uma narrativa que auxilie na construção da identidade brasileira, a qual encontra na história um horizonte orientador para suas lutas e desafios. Aqui, a história se torna a pedra de toque para a leitura de diferentes problemáticas, que em última análise se propõem a medir os impactos das ações humanas no tempo e, também, construir um futuro mais humano e com mais acertos.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira  
Maristela Carneiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A CONSTRUÇÃO DA CIDADE E DO PATRIMÔNIO TERRITORIAL NA AMÉRICA PORTUGUESA	
Wagner Cavalheiro	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.2361903121	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
PATRIMÔNIO: ESPAÇO DIDATIZADO – CASO DO INSTITUTO BRUNO SEGALLA, CAXIAS DO SUL	
Paloma Lava	
DOI 10.22533/at.ed.2361903122	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>21</b>
O PATRIMÔNIO TERRITORIAL PÚBLICO E OS REGISTROS DOCUMENTAIS	
Eleide Abril Gordon Findlay	
DOI 10.22533/at.ed.2361903123	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>32</b>
SERRA NEGRA DO NORTE/RN – BERÇO DE UM PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL-NATURAL ADORMECIDO	
Rita de Cássia Dantas de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2361903124	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>45</b>
IDENTIDADE E LUGARES DE MEMÓRIA: UMA REFLEXÃO SOBRE OS MONTES GUARARAPES	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
DOI 10.22533/at.ed.2361903125	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>53</b>
ARQUIVOS, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DE HISTÓRIA: OS BENEFÍCIOS E OBSTÁCULOS DESSAS APROXIMAÇÕES	
Railane Antunes Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.2361903126	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>65</b>
NO LINEAR DA PRIMEIRA REPÚBLICA A LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL DE MINAS GERAIS (1906–24), O PAPEL DO INSPETOR E DIRETOR	
Sandra Maria de Oliveira	
Betânia Oliveira Larteza Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.2361903127	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>84</b>
A QUESTÃO DA MEMÓRIA A PARTIR DE INTERVENÇÕES DO COTIDIANO	
O MONUMENTO ÀS BANDEIRAS E O PÁTIO DA CRUZ	
Editon Mioshi Arakawa Barretto	
DOI 10.22533/at.ed.2361903128	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>97</b>
ENSINO DE HISTÓRIA E A PRESENÇA NEGRA NOS TRÓPICOS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA COM O CONTO A BOTIJA DE OURO	
Atenor Junior Pinto dos Santos Marcos Ferreira Gonçalves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2361903129</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>107</b>
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: OS ARQUIVOS ESCOLARES COMO POSSIBILIDADE DE PRESERVAÇÃO DOS BENS CULTURAIS	
Vanessa Campos Mariano Ruckstadter Janete Leiko Tanno Flávio Massami Martins Ruckstadter	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>118</b>
HISTÓRIA E MEMÓRIA DA CAMPANHA DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER: A ENTREVISTA COMPREENSIVA E AS POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS DOS DISCURSOS DE MULHERES EDUCADORAS	
Roselia Cristina de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>133</b>
ASPECTOS DA HISTÓRIA DAS CRECHES NA CIDADE DE MARÍLIA/SP, BRASIL: 1940-1997	
Josiane de Moura Dias Marquizeli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>141</b>
A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA: UM BREVE PANORAMA DOS TRABALHOS REALIZADOS EM IJUÍ/RS	
Ivan de Freitas Vasconcelos Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031213</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>148</b>
BRASIL E ÁFRICA DO SUL NO CONTEXTO DO APARTHEID: RELAÇÕES E RUPTURAS	
Mariana Schlickmann	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031214</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>157</b>
ARQUITETURAS DE USO MISTO EM MACAÚBAS, ALTO SERTÃO BAIANO: SISTEMAS CONSTRUTIVOS, PRÁTICAS DE MORAR E TRABALHAR	
José Antônio de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>174</b>
HISTÓRIA DA SECA, DA FÉ E DO NORDESTE CANTADA PELO REI DO BAIÃO	
Romero de Albuquerque Maranhão Norberto Stori	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031216</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>183</b>
A PAISAGEM AMBIENTAL DE CUBATÃO NAS OBRAS DE NORBERTO STORI	
<a href="#">Romero de Albuquerque Maranhão</a>	
<a href="#">Norberto Stori</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>192</b>
“A PROPRIEDADE PRIVADA É SAGRADA E PONTO FINAL”: A FALA DO PRESIDENTE BOLSONARO AOS RURALISTAS E A VIOLÊNCIA NO CAMPO	
<a href="#">Francivaldo Alves Nunes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>200</b>
REPRESENTAÇÕES DO JORNAL <i>O GLOBO</i> SOBRE O PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE LEONEL BRIZOLA (1979-1980)	
<a href="#">Marcelo Marcon</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>211</b>
A QUESTÃO CHRISTIE (1861-1863) E O ROMPIMENTO DAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE O BRASIL E A GRÃ-BRETANHA: ECOS NA IMPRENSA, NA PINTURA, NO TEATRO E NA NARRATIVA <i>O DONATIVO DO CAPITÃO SILVESTRE</i> (1893), DO PARAENSE INGLÊS DE SOUSA	
<a href="#">Denise Rocha</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>227</b>
O HOMEM QUE CRIOU SHERLOCK HOLMES: ARTHUR CONAN DOYLE ENTRE AS CIÊNCIAS E A LITERATURA	
<a href="#">Jarbas de Mesquita Neto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031221</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>237</b>
ESTÉTICA NEGRA E DESCOLONIZAÇÃO DA IMAGEM NO CINEMA NEGRO DE SPIKE LEE E ZÓZIMO BULBUL	
<a href="#">Jéfferson Luiz da Silva Monteiro</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031222</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>248</b>
CONSONÂNCIAS METODOLÓGICAS NAS PERSPECTIVAS DE ANÁLISE DA HISTORIOGRAFIA DO CHORO	
<a href="#">Denis Wan-Dick Corbi</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031223</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>260</b>
DOS POBRES CAVALEIROS DE CRISTO À IGREJA DE SATÃ - AS RESSIGNIFICAÇÕES DO BAPHOMET	
<a href="#">Lívian Mota Magalhães</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031224</b>	

<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>271</b>
KUÑANGUE ATY GUASU ENTRE RITUAIS: A RESISTÊNCIA DAS MULHERES KAIOWÁ E GUARANI NO MS	
<a href="#">Marlene Ricardi de Souza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031225</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>279</b>
O SILENCIO SOBRE AS AFETIVIDADES FEMININAS: ESCRAVIDÃO, GÊNERO E CORPO NO MARANHÃO COLONIAL	
<a href="#">Nila Michele Bastos Santos</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031226</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>293</b>
UM OLHAR SOBRE O URBANO NO BRASIL COLONIAL: IRMANDADES DE NEGROS E ESPACIALIDADE DA POPULAÇÃO ESCRAVA	
<a href="#">Valter Luiz de Macedo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031227</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>305</b>
O VITALISMO E AS ORIGENS DA FISILOGIA MODERNA	
<a href="#">Jarbas de Mesquita Neto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031228</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>317</b>
RECOLHIMENTO DOS POBRES DO PÃO DO SANTO ANTÔNIO: POBREZA E ASSISTÊNCIA EM DIAMANTINA, 1901-1910	
<a href="#">Paula Afonso de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031229</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>330</b>
REDES CEREBRAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA	
<a href="#">Valeria Portugal</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031230</b>	
<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>336</b>
RESPONSABILIDADE EMPRESARIAL EM GRAVES VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS NA DITADURA CIVIL -MILITAR: CASO VOLKSWAGEN DE SÃO BERNARDO DO CAMPO NO INQUÉRITO CIVIL-PÚBLICO DO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL	
<a href="#">Nicole Naomi Handa Nomura</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031231</b>	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>341</b>
SEMEANDO AGROECOLOGIA NO TERRITÓRIO MENTAL, CONTRA A MONOCULTURA DA MENTE	
<a href="#">Mônica Chiffolleau</a>	
<a href="#">Juliana Dias</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031232</b>	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>348</b>
SÓSMACOS: O MODERNISMO VISTO PELO LADO DE CÁ	
<a href="#">Nelson de Jesus Teixeira Júnior</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031233</b>	

<b>CAPÍTULO 34 .....</b>	<b>356</b>
TEM PEOA NO PANTANAL? SIM! NO UNIVERSO LABORAL MASCULINO HÁ ESPAÇO PARA A MULHER	
<a href="#">Juliana Cristina Ribeiro da Silva</a> <a href="#">Sabrina Sales Araújo</a> <a href="#">Patrícia Helena Mirandola Garcia</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031234</b>	
<b>CAPÍTULO 35 .....</b>	<b>368</b>
O CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO COLÉGIO PEDRO II	
<a href="#">Vera Maria Ferreira Rodrigues</a> <a href="#">Regina Maria Macedo Costa Dantas</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031235</b>	
<b>CAPÍTULO 36 .....</b>	<b>374</b>
O INSTITUTO DE MATEMÁTICA PURA E APLICADA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSOLIDAÇÃO DA MATEMÁTICA COMO CAMPO CIENTÍFICO NO BRASIL	
<a href="#">Valessa Leal Lessa de Sá Pinto</a> <a href="#">Angelo Santos Siqueira</a> <a href="#">Abel Rodolfo Garcia Lozano</a> <a href="#">Sérgio Ricardo Pereira de Mattos</a> <a href="#">Jhoab Pessoa de Negreiros</a> <a href="#">Tereza Luzia de Mello Canalli</a> <a href="#">Geovane André Teles de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.23619031236</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS.....</b>	<b>385</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>386</b>

## TEM PEOA NO PANTANAL? SIM! NO UNIVERSO LABORAL MASCULINO HÁ ESPAÇO PARA A MULHER

### **Juliana Cristina Ribeiro da Silva**

Bacharel e Licenciada em Geografia pela UFGD, Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia e Doutoranda em Ensino de Ciências pela UFMS  
Campo Grande – MS

### **Sabrina Sales Araújo**

Graduanda em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande MS.

### **Patrícia Helena Mirandola Garcia**

Professora do curso de Geografia, do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFMS e Programa de Pós-Graduação Doutorado em Ensino de Ciências  
Três Lagoas - MS

**RESUMO:** o peão pantaneiro seja ele praieiro, campeiro ou boiadeiro é uma atividade laboral ‘masculinizada’, isto é, essa atividade tornou-se um espaço historicamente ‘masculino’, a partir de discursos maciçamente reproduzidos que a atrelam a características masculinas. Neste artigo, chamamos a atenção para a questão “tem peoa no pantanal?” e objetivamos trazer à luz da academia a história de vida de Mirele Geller, conhecida como a primeira peoa pantaneira e a única que se tem notícias de cruzar o Pantanal Norte ao Pantanal Sul. A comitiva pantaneira consiste no transporte de centenas, podendo chegar a milhares de cabeças de gado que

são levadas de uma região a outra pelos peões boiadeiros em jornadas exaustivas que podem durar dias, semanas e até meses. Nas comitivas, cada peão tem sua posição e sua função, Mirele era a colateira, também conhecido como meeira. Optamos por ouvir sua história em duas entrevistas, bem como a de outros peões e adotamos como metodologia o aporte da História Oral como ferramenta para perscrutar o perfil de Mirele, a partir das contribuições de MEIHY, (1996), MEIHY e HOLANDA, (2011) e de Ferreira (1994) para quem a História Oral constitui-se em um método de pesquisa que produz uma fonte especial e tem-se revelado um importante instrumento que possibilita melhor compreensão da construção de estratégias de ação de grupos e indivíduos, auxiliando-nos a adentrar no universo da peonagem pantaneira sob a óptica dessa personagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** peoa, pantanal sul-mato-grossense, história de vida

### ARE THERE PEOA IN THE PANTANAL? YES! IN THE MALE LABOR UNIVERSE THERE IS ROOM FOR WOMEN

**ABSTRACT:** the pantanal pawn, whether beachman, countryman or cowboy, is a “masculinized” labor activity, that is, this activity has become a historically “masculine” space,

based on massively reproduced discourses that link it to masculine characteristics. In this article, we draw attention to the question “do you have wetlands?” And aim to bring to the light of the academy the life story of Mirele Geller, known as the first wetlands and the only one known to cross the Northern Wetlands to Pantanal Sul. The Pantanal entourage consists of the transport of hundreds and can reach thousands of cattle that are carried from one region to another by the pedestrian cattle on exhausting journeys that can last days, weeks and even months. In the entourage, each pawn has its position and its function, Mirele was the collar, also known as the sharecropper. We chose to hear his story in two interviews, as well as that of other pawns and adopted the methodology of Oral History as a tool to scrutinize Mirele’s profile, based on the contributions of MEIHY, (1996), MEIHY and HOLANDA, (2011 ) and Ferreira (1994) for whom Oral History is a research method that produces a special source and has proved to be an important instrument that allows a better understanding of the construction of action strategies of groups and individuals, helping enter us into the universe of pantaneira peoning from the perspective of this character.

**KEYWORDS:** peoa, South Mato Grosso wetland, life story

## PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES DO MUNDO DOS PEÕES

A atividade do peão é muito comum no universo rural. Atividade que muitas vezes demanda força e destreza ao laçar uma rês, universo em sua maioria composto por homens, principalmente quando se fala em peão boiadeiro, que é aquele peão que trabalha conduzindo boiadas nos estradões, as famosas comitivas. Neste trabalho, iremos narrar parte da trajetória de vida de Mirele Geller.

Segundo Scott (1990), para compreender como, por exemplo, persiste a associação entre masculinidade com o poder e o fato de que os fatores mais altos estão investidos na virilidade e não na feminilidade é imprescindível dar atenção aos sistemas de significado e maneiras como as sociedades representam o gênero historicamente e o utilizam para articular regras de relações sociais ou para construir o sentido da experiência.

O modo de vida do “homem” (ao nos referirmos a “homem”, entenda-se ambos os gêneros) pantaneiro é um tanto quanto peculiar. De acordo com Nogueira (1990), “por homem pantaneiro, entenda-se, aqui, o elemento nativo do Pantanal ou aquele que vive há mais de vinte anos, compartilhando hábitos e costumes típicos da região”.

Segundo Rossetto e Brasil Júnior (2002), existem várias hipóteses sobre as causas da convivência harmônica dos habitantes das fazendas pantaneiras com a paisagem natural. Entre elas, a vertente que atribui esta situação às condições impostas pela sazonalidade climática, pela altimetria do relevo e pela cobertura vegetal específica.

Banducci Júnior (2007) demonstra que a ocupação do pantanal é relativamente recente pelas fazendas de gado, pois “se nos séculos XVII e XVIII desbravadores

paulistas já percorriam a região, na captura de índios e em busca de ouro, será apenas nos anos de 1800 que a pecuária irá se estender de forma sistemática e contínua pelos campos”. Houve mineração, engenhos de açúcar, extração de madeira, mas foi a pecuária a mais determinante para a ocupação da região pantaneira. O peão torna-se um dos grandes personagens do pantanal. Com base nos saberes populares de parte da população que vive e trabalha no Pantanal de Mato Grosso do Sul, este trabalho tem por objetivo relatar a história de uma peoa, através do modo de vida e da história oral.

Segundo Rossetto e Brasil Júnior (2002), o sucessivo ritmo das águas nos pantanais possibilita a ideia de ciclos demarcados pelas épocas de cheia – vazante – seca e o surgimento de saberes específicos que permitiram, por mais de três séculos, a prática da pecuária extensiva como principal atividade econômica, sem alterar as condições ecológicas locais.

Os regimes de cheia e seca, próprios da planície pantaneira, tornam o trabalho imprescindível para não haver prejuízos com a perda do rebanho. “O homem pantaneiro aprendeu ao longo dos séculos, a fazer suas próprias previsões, alicerçadas na interpretação dos fenômenos naturais”, (NOGUEIRA, 2002, p. 31). Embora essa seja uma atividade estritamente desenvolvida pelos homens, Mirele, desde quatorze anos, exerceu a função de peoa de comitiva, para não dizer desde os quatro anos de idade como veremos adiante.

Os primeiros animais bovinos introduzidos no Brasil durante a colonização portuguesa foram usados como fonte de alimentação e animais de tração nas áreas rurais durante quase três séculos. A intensificação da pecuária na região de Mato Grosso do Sul representou ampliação da presença do trabalhador remunerado nas fazendas. O crescimento do rebanho necessita até hoje de manejo, enquanto que a venda do gado quase sempre requer o trabalho das comitivas para fazer o transporte dos animais para diversas regiões do país. Para cumprir as marchas, os peões suportam todas as variações climáticas enfrentando chuva, frio, vento, poeira, além dos obstáculos naturais como corixos (trata-se um canal que liga as águas de lagoas, baías, alagados, etc. com os rios próximos, ou seja, é um pequeno rio que se forma em épocas de chuvas que vêm desaguar em outro rio maior), baías (lagoa em comunicação com um rio através de um canal), rios, campos abertos, campos sujos (é um dos tipos de Cerrado formado de vegetação com fisionomia herbácea e arbustiva com arbustos e subarbustos espaçados entre si, geralmente estão sobre solos mais rasos que podem apresentar pequenos trechos de rochas ou solos mais profundos, mas pouco férteis) e as barreiras introduzidas pelo homem como estradas asfaltadas e porteiras, (BARROS NETTO, 1979).

“Situado no topo da hierarquia dos trabalhadores das fazendas de gado está o capataz. É ele quem controla todas as atividades desenvolvidas na propriedade”. Homem de confiança do patrão tem melhores condições de vida do que os peões comuns. É sabido que existe o peão praieiro, peão campeiro e o peão boiadeiro.

Peão praieiro consiste naquele que já possui certa idade e provavelmente algum problema de saúde e que ainda insiste em viver no pantanal (sobre essa questão em “insistir em viver no Pantanal”, em diálogos com peões mais velhos, é unânime a posição dizendo que não saberiam viver na cidade e nem terem outra atividade, pois “nasceram montados em uma sela”) desempenhando o papel de auxílio nas sedes ou na cantina (em algumas fazendas, os peões casados almoçam em suas casas e os peões solteiros em uma cantina, onde, normalmente a cozinheira é a esposa do capataz ou gerente da fazenda, onde a mesma também é funcionária, em algumas delas, as refeições possuem um valor simbólico) da fazenda, fazendo limpeza de pátio, tratando animais domésticos, entre outros serviços “leves”. O peão campeiro consiste naquele que exerce a atividade de lida com o gado nas fazendas. E o peão boiadeiro é aquele que realiza viagens conduzindo gados, normalmente comprados em leilões ou em fazendas e sendo entregues na fazenda do comprador.

Para ser um bom peão, a lida do peão boiadeiro não se resume apenas à condução do gado. Antes de seguir viagem, os peões têm a função de amansar a montaria (fazer a doma). Alguns equinos se negam a reproduzir o comportamento esperado pelo peão, mordem, coiceiam, jogam o peão contra as cercas, pulam para se livrar do cavaleiro e da sela; muitos, de tão ariscos, não permitem que lhes seja colocado o freio (CAMPOS FILHO, 2002, p.123). Para a execução do serviço da comitiva é fundamental a interação entre peão e montaria. A relação do peão com o seu animal, normalmente burros ou mulas é algo que merece atenção. Verificamos em pesquisas que para o peão, o animal o escolhe, “dizendo” que aceita obedecê-lo, estabelecendo uma relação de parceria e companheirismo, onde, segundo um peão por nós entrevistado, “o burro para o peão é uma extensão do seu corpo no mato”.

Segundo Rossetto e Brasil Júnior (2002), a pecuária tradicional desenvolvida nos pantanais caracteriza-se pela criação de gado de forma extensiva. Os rebanhos são soltos nos pastos nativos, exigindo poucos cuidados por parte do fazendeiro. Neste contexto, a natureza é percebida como a grande responsável pela manutenção da atividade produtiva.

A atividade econômica de pecuária é essencial na organização da vida humana na região pantaneira. Mesmo pequena, a população pantaneira é importante como parte do próprio ecossistema deste bioma, uma vez que ela se tornou responsável pela manutenção do equilíbrio ecológico, onde:

Não se pode deixar, pois, de reconhecer no pantaneiro, um incansável construtor de sua própria cultura, um conhecedor dos mais diversos ofícios rurais, que se vê obrigado a exercer, por força das circunstâncias do ecossistema. Dentro desta perspectiva, é lícito dizer que um peão pantaneiro que conheça toda a lida campestre e desempenhe com certa perfeição as atividades de aparte, doma, bagualeio, condução de boiada, é tão expert no seu metier quanto um especialista em informática, no exercício de suas funções (NOGUEIRA, 2002, p. 21).

Detentor de um conhecimento ímpar de sua profissão e do ecossistema pantaneiro, os peões boiadeiros conhecem as estradas e caminhos que muitas

vezes são suprimidas pelo crescimento da vegetação e dos areais para levar o gado ao destino final.

Em Rossetto e Brasil Júnior (2002) temos que, o trabalho com o gado no campo exige que os vaqueiros se desloquem em grandes extensões. Na época das águas, as estradas de acesso são encobertas e tornam-se invisíveis na paisagem, entretanto, o pantaneiro possui uma noção do espaço admirável. Apesar da semelhança entre os locais, orienta-se no campo percebendo marcas com significados individuais raramente perdendo o rumo, demonstrando estar adaptado à mutabilidade da paisagem.

Segundo Sauer (2004, p. 59),

A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural, o resultado. Sob a influência de uma determinada cultura, ela própria mudando através do tempo.

Falar sobre o modo de vida do pantaneiro ou das gentes pantaneiras, conforme nos aponta Ribeiro (2014 e 2015) é falar sobre as peculiaridades de cada sub-região do Pantanal, pois as características específicas também ditam o ritmo de vida. Silva e Abdon (1998) subdividem o pantanal em 11 sub-regiões, sendo elas: Cáceres, Poconé, Barão de Melgaço, Paraguai, Paiaguás, Nhecolândia, Abobral, Aquidauana, Miranda, Nabileque e Porto Murtinho. Já a Embrapa, acrescenta a sub-região do Jacadigo.

A presença feminina nas comitivas pantaneiras é um dos caminhos para romper com a imagem feminina avessa ao raciocínio, à lógica, a determinação e firmeza para a tomada de decisões, construção e invenção que marcam o espaço pantaneiro

Colling (2014) apresenta os discursos históricos que construíram a imagem feminina, quais sejam: o filosófico, o médico, o psiquiátrico e psicanalítico, o religioso e positivista, onde os dois últimos se complementam, reforçando a imagem da mulher e sua contribuição para o mundo relacionados a procriação e cuidado dos filhos e do lar. Mirela, desconstrói essa imagem feminina contrária a atividades que exigem, por exemplo, o uso da força e resistência física como a lida com o gado e as extenuantes comitivas pantaneiras, demonstrando o quanto a masculinização dessas atividades, são na verdade, construções sociais revestidas de uma suposta naturalização. Isso fica claro ao ouvir a sua história de vida.

A presença da mulher no pantanal fora de casa, fora da casa do patrão ou da cantina cozinhando para os demais funcionários é rara. Historicamente esses diversos discursos disseminados – sobretudo o religioso e o positivista –naturalizam a mulher como ser do cuidado, do carinho e do afeto, cuja missão e responsabilidade social são: educar as futuras gerações inculcando os valores e o moral social em prol do progresso e desenvolvimento da nação, além de cuidar do lar e garantir ao marido principalmente, as condições para a dedicação ao seu trabalho para que possa providenciar o sustento da casa. Eles projetaram ideias do que é ser homem

e do que é ser mulher em nossa sociedade e, como veremos a seguir, a história de Mirela, ao subverter essas normatizações, as evidenciam como construtos sociais.

## MODO VIDA DE MIRELE GELLER

Hoje com 34 anos, Mirele não exerce mais a atividade de peoa boiadeira por questões de saúde. Tendo em vista que em muitas regiões do pantanal a água é salobra, a mesma desenvolveu pedras na vesícula e após uma cirurgia, “pendurou as esporas” (expressão usada pelos peões quando se aposentam, deixam de exercer a profissão). É considerada a primeira peoa boiadeira do Pantanal Sul. Nascida na cidade de Fátima do Sul (interior de MS), sua mãe a deixou aos três anos de idade em uma fazenda localizada na região de Bonito (MS) sob os cuidados de seu pai. Sem saber o que fazer, ele, não tendo escolha, a colocou na garupa de seu cavalo e a levou nas viagens das comitivas.

Mirele apresenta uma ligação muito forte com o pai, pois ele que a criou nos estradões da vida, tanto que para não sair de perto dele, adotou/herdou a profissão. No início a mesma ia à frente da comitiva juntamente com o cozinheiro. Porém, com seis anos de idade, ela passa a trabalhar na comitiva juntamente com o pai, ganhando um animal só para ela. A princípio sua função era abrir porteiras, cuidar dos mata-burros (um estrato de madeira usado para cobrir buracos e valetas e evitar a passagem dos animais, geralmente é colocado para substituir a porteira) e ajudar o cozinheiro.

Nas viagens, o cozinheiro é o primeiro a acordar, o último a dormir e só pode comer depois que os companheiros já se alimentaram, então, o cozinheiro, em cada parada, quando ia buscar água nos rios, corixos ou baías, a levava junto para dar banho, dava-lhe um “morceguinho” para comer (um pedaço pequeno de carne, segundo Mirele) e a colocava para dormir. Depois que os peões chegavam, dava-lhe o almoço, ela interagiu um pouco com seu pai e logo eles seguiam viagem.

Embora afastada da profissão, hoje ela é mãe de um menino de nome José Bento, que possui a mesma paixão que a mãe e o avô por cavalos e comitivas. Sobre gravidez, Mirele diz que o pai sempre a advertia em relação aos estudos e gravidez, dizendo que se “aparecesse barriguda a poria para fora de casa”. Como os estudos sempre foi algo exigido pelo pai, ela sempre se esforçava para terminar logo e fechar as notas no terceiro bimestre para poder viajar em companhia do pai. Porém, em uma discussão com um professor de matemática, abandonou a escola e foi trabalhar por conta própria em Bela Vista, município sul-mato-grossense, divisa com o Paraguai - período esse em que ficou dois meses sem falar com seu pai.

Seu pai era condutor da comitiva, o responsável por fazer o acordo com o dono da boiada e contratar os peões. Segundo Mirele, aos 12 anos de idade seu pai a mandou em uma comitiva com outro condutor com o intuito de fazê-la desistir

da profissão e se dedicar aos estudos, fato que deu errado, pois ela já exercia com afinco a profissão. Ela se recorda que essa foi uma viagem onde fizeram de tudo para que ela desistisse da vida de boiadeira, mas o tiro saiu pela colatra. Mesmo assim, aos 14 anos foi trabalhar para fora, por conta com outros condutores.

Segundo Mirele, sempre que o pantanal começa a encher, os fazendeiros das regiões mais remotas os contratavam para conduzir o gado para as regiões mais altas, pois o bovino é um animal que deita a noite para descansar e, se há água, o gado não descansa, podendo leva-lo a óbito. Durante as viagens, quando anoitecia e não havia um piquete (espécie de cercado) para guardar o gado, cada peão ficava acordado por um determinado tempo vigiando o rebanho para evitar o estouro da boiada por causa de onças, cobras ou qualquer outra coisa que pudesse vir a assustar o rebanho.

A doma do animal é um dos “ofícios” para se ser um bom peão. Mirele lembra que trabalhou para um condutor que possuía uma tropa com animais que possuíam pouca doma, relata que “fiquei redonda de tanto tombo, a cozinha era de carroça, não usava burro de carga para acostumar com a lida, e os meninos do seu Godofredo mal enfreavam (colocavam freio) nos animais e já passavam para trabalharmos”. Contudo, seu pai nunca a ensinou a domar, este ofício ela aprendeu “com os outros” e começou a domar com 20 anos de idade. Os peões costumam utilizar mais os muares e os asininos em suas jornadas. São unânimes ao dizer que mulas e burros são animais mais resistentes que o cavalo. Segundo Juliano et al. (2009, p. 11), “o cavalo e o laço unem o trabalho e o lazer, é o prestígio profissional e o instrumento da sua liberdade”. Segundo Mirele, com medo de atrapalhar o pai e de que o mesmo não a levasse mais nas viagens, muitas vezes não apeava do animal para fazer xixi com frequência e quando apeava, já estava muito apertada “e já descia da mula apertada, mijando nas calças”.

A peoa começou a beber pinga aos oito anos. No início, era apenas para experimentar e só molhava a língua, mas como gostava de estar no meio dos peões, foi pegando o gosto até adotar o hábito de beber. “Igual cobra de laboratório, só no álcool, fui conhecer cerveja faz pouco tempo”. Em suas falas, nota-se que essa prática a fazia se sentir mais aceita naquele universo masculino.

Mirele elucida-nos que a bebida é comum nas comitivas e deixa claro que os condutores não permitem que seja levada na bagagem, muito menos consumida durante o trabalho. Mas para eles que ficam tanto tempo longe de casa, é um aperitivo nos dias de trabalho pesado. Mirele sempre carregou sua pinga em um cantil, como não era de ficar embriagada, costumava dar pequenos goles ao longo do dia, nada que atrapalhasse o serviço, garante. A pinga, muitas vezes serve como inibidor de apetite nas estradas. Os companheiros, sabendo que ela carregava a bebida costumavam pedir, mas só era partilhada com os companheiros que ela sabia que não davam problema e não ficavam embriagados durante o trabalho. “Cansei de negar pinga para peão cachaceiro, que não sabe se controlar, bebe tudo de uma

vez depois fica dando nojo”.

Algo que nos chamou muito a atenção nos diálogos com Mirele foi uma espécie de “mecanismo de defesa” que ela criou para se proteger de abusos de peões. Sempre que chegava a uma zona (prostíbulo), ela pagava para uma prostituta fazer companhia a ela. Com isso, os peões achavam que a mesma era lésbica. “Passava a noite conversando, pagava bebida e pelo programa mesmo sem ter acontecido nada. Eu às tratava com tanto respeito que quando a comitiva cruzava pelo mesmo caminho tinha disputa entre as meninas para quem ia fazer companhia pra mim. E os peões nem desconfiavam. Pra eles eu era “sapatão”, por isso passavam longe, nem se arriscavam mexer comigo”. Contou-nos que em alguns locais, quando a comitiva chegava, as mulheres disputavam quem iria dormir com ela.

Mesmo se passando por lésbica para não ser bolinada pelos peões, nunca se desgrudava de um revólver que ganhou de seu pai e que, por duas vezes, teve de engatilhá-lo para assustar e afastar peões que não a conheciam e queriam mexer com ela. Essas práticas adotadas pela nossa personagem demonstram a necessidade de se masculinizar para ser aceita e respeitada dentro de um espaço masculinizado, evitando o “natural” desejo dos homens ao redor, minimizando os possíveis conflitos e, ao mesmo tempo, revela a tentativa de posicionar-se como merecedora daquela ocupação tida como incomum.

De acordo com Colling (2014), considerar como mulheres e homens são produzidos é uma tarefa de suma importância pois, se todas as coisas foram feitas [através de construções discursivas históricas], podem ser desfeitas, tendo como condição que se saiba como foram feitas. Para Brah (2006) a diferença como relação social se refere à forma como ela é constituída por discursos sistemáticos de contingência, sejam eles econômicos, políticos, culturais e pelas práticas institucionais.

A deslegitimidade da presença feminina nesses espaços revela a construção dos mesmos, amparada em discursos generificados com base em características masculinas, obrigando mudanças no comportamento feminino aproximando-o do masculino (de forma estratégica ou não) para obter reconhecimento de sua posição no cargo ou da importância e efetividade de suas atividades. Mirele relata que andava como homem, falava com voz grossa e até bebia pinga desde criança para ser aceita.

Partindo da constatação de que há relações de diferenciação as quais as mulheres devem se sujeitar no cotidiano de seu trabalho como, por exemplo, endurecer o comportamento ou se tornar mais agressiva, ou ainda ter de se dedicar mais devido às diferentes formas de avaliação, o conceito de *habitus* de Bourdieu pode ser útil, pois segundo Pereira e Catani (2002) ele está na base das distinções verificadas no amplo espectro das práticas sociais. Para esses autores,

[...] as relações de força do espaço social são relações de poder, os agentes alocados nas posições dominantes do espaço social são possuidores de uma

espécie de capital, o capital simbólico, geralmente reconhecido como prestígio, fama e aceito como legítimo pelos outros e, por conseguinte, na qualidade de proprietários de capital simbólico, possuem o poder de impor as visões do mundo social. (PEREIRA e CATANI, 2002, p. 114).

Nesse sentido, proposta *queer* também se mostra um interessante viés de análise para a compreensão desse conflito, pois define gênero como um conjunto de atos performáticos e parodiados, imitando um gênero original inexistente, que pode revelar em relações arbitrárias seu próprio caráter fantasístico e sua construção política.

De acordo com Brandão (2009), nessa proposta está em causa a exploração de situações que, revelando os limites da norma, emergem como potencialmente destrutivas desta. Ou seja, no caso de ambientes construídos historicamente como masculinos que se deparam com a presença feminina pode haver conflitos que propiciem relações que fogem a norma, como o fato de mulheres terem que se masculinizar através da adoção de práticas diversas, para serem reconhecidas.

Essa paródia do sexo oposto que constituirá a identidade do sujeito revelará a construção do gênero e da identidade de gênero como um construto social instável, flexível de acordo com os diferentes contextos espaço-temporais. Por isso, é importante analisar historicamente como esse espaço vem lidando com esse conflito ao longo da história, utilizando para isso as falas e memórias de Mirele que passa, agora por um novo momento em sua vida.

Tendo visto, nas estradas da vida, quase tudo - de assassinatos a abandono dos peões em comitivas em épocas mais difíceis -, por questões de saúde, Mirele pendurou as esporas e hoje se dedica a atividade de ser mãe e cuidar de um condomínio de casas em Bonito, atividades essas que a lançam em novos desafios e requerem uma série de novas atitudes que também podem ser exploradas futuramente dentro da perspectiva de gênero. Em uma de suas falas, ela conta por exemplo que precisou aprender a falar e se comportar como mulher e que enfrenta uma série de dificuldades com relação a não se sentir mulher com atributos que naturalmente facilitem a sua atividade materna.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, o relato oral foi utilizado no intuito de privilegiar o estudo das representações, atribuindo papel central às relações entre memória e história, pois as consideramos facilitadoras do estabelecimento de conexões entre história individual e coletiva.

A História Oral nos proporciona momentos ímpares em narrativas como a dos peões pantaneiros, o que nos permite ouvir/vivenciar seus momentos de glórias, angústias e proezas. O cotidiano de um peão no Pantanal não é fácil. É uma atividade laboral que exige conhecimento de como lidar com o gado, o trajeto a ser seguido,

lembrando que temos neste bioma os períodos das cheias e vazantes criando e modificando paisagens.

Parafraseando Cosgrove (2004) e Sauer (2004), a paisagem cultural é construída a partir de uma paisagem natural pelos grupos sociais. A cultura é a principal protagonista, os elementos naturais constituem o meio, e a paisagem cultural o resultado. Sob a influência de uma determinada cultura, mutável através dos tempos, a paisagem apresenta transformações, sendo que uma nova paisagem pode sobrepor à antiga. A ação que modela a paisagem natural é a própria cultura através da conservação, reprodução e transformação de seus saberes. A cada cheia – vazante – seca, a paisagem do pantanal se reconfigura.

Embora ainda seja uma forma rústica, a comitiva, é o sistema mais eficaz e extremamente necessário para os produtores rurais, sobre tudo no Pantanal, por questões econômicas e de logística. Por conta da escassez de estradas, o difícil acesso às propriedades rurais e dos atoleiros, o uso das comitivas, para muitos fazendeiros, é a única alternativa no manejo de centenas de cabeças de gado. A comitiva vai onde o caminhão boiadeiro não vai, a comitiva conduz um número de animais que por vezes demandaria dezenas de caminhões para fazer o traslado.

Este artigo trouxe parte dos diálogos com Mirele, buscando relatar a história de uma mulher que escolheu como profissão ser peoa boiadeira, seguindo o exemplo do pai. Na lida enfrentava as mesmas dificuldades que os homens, lançava boi bravo e não aceitava privilégios regalias e tratamentos diferenciados pelo fato de ser mulher. Pelo contrário, ela adotou comportamentos para se masculinizar e se sentir aceita e pertencente àquele universo ao qual estava inserida, como por exemplo, aprendeu a beber cedo, contratava prostitutas para fingir ser lésbica e não ser cantada pelos homens ao seu redor, mostrou que é tão boa na doma dos animais quanto os peões mais velhos e tradicionais. “Deus não me deu riqueza, ouro ou diamante, mas me deu o dom de tocar berrante” - frase escrita num caderno escolar aos 14 anos.

A história de vida de Mirele - que a princípio para nós não passava de um interesse enquanto pesquisadoras com o intuito de ouvir o relato de uma mulher peoa - tornou-se peça central em nossas indagações, pois são muitas as reflexões que os diálogos proporcionam. Com ela, podemos pensar a ocupação do Pantanal, às atividades econômicas exercidas e envolvidas dentro das próprias comitivas, o cotidiano e o compartilhamento de um grupo de pantaneiros em longas e árduas viagens e, principalmente, as relações de gênero e os conflitos presenciados por Mirela, seu pai e os demais pantaneiros, que podem revelar o quanto essa atividade e ambiente aparentemente incompatível com a presença feminina possuem o potencial de nos auxiliar na compreensão de como construímos socialmente as visões que aprendemos e reproduzimos do que é ser homem e do que é ser mulher em nossa sociedade, bem como as consequências disso para quem, através de uma atividade consciente ou inconsciente acaba as desconstruindo.

## REFERÊNCIAS

- BANDUCCI JUNIOR, Álvaro. **A natureza do pantaneiro**: relações sociais e representação de mundo no “Pantanal da Nhecolândia”. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007.
- BARROS NETO, José de. **A criação empírica de bovinos no pantanal da Nhecolândia**. São Paulo: Ed. Resenha Tributária, 1979.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n.26, jan./jun., 2006: p. 329-376.
- BRANDÃO, Maria Ana. Queer, mas não muito: gênero, sexualidade e identidade nas narrativas de vida de mulheres. **Revista ex aequo**, nº 20, 2009, p. 81-96.
- CAMPOS FILHO, L. V. S. **Tradição e ruptura**: cultura e ambientes pantaneiros. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2002.
- COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais**: a construção do corpo feminino na história. Ed. UFGD, Dourados – MS, 2014.
- COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.) **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 92 – 103.
- FERREIRA, de M. M. História Oral: um inventário das diferenças. In: FERREIRA, de M. M. (coo.). **Entre-vistas**: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1994.
- JULIANO, R. S.; SANTOS, S. A.; ABREU, U. G. P. de; SILVA, R. A. M. S; ARAÚJO, M. T. B. D. A interação do homem pantaneiro com seu cavalo. Corumbá, MS: **Embrapa Pantanal**, 2009. Disponível em: <http://cpap.embrapa.br/publicacoes/online/DOC104.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2016.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2011.
- NOGUEIRA, Albana Xavier. **O que é pantanal?** São Paulo: Brasiliense, 1990.
- NOGUEIRA, Albana Xavier. **Pantanal, homem e cultura**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2002.
- PEREIRA, G.R de M; A. M. CATANI. Espaço social e espaço simbólico: introdução a uma topologia social. In: **Rev. Perspectiva**. Florianópolis, v.20, n. Especial, p. 107-120, jul./dez.2002.
- RIBEIRO, M. A. dos S. **Entre os ciclos de cheia e vazante a gente do pantanal produz e revela geografias**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Geociências. Campinas, SP, 2014.
- RIBEIRO, Mara Aline. **Entre cheias e vazantes**: a produção de geografias no Pantanal. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2015.
- ROSSETTO, O. C. e BRAILS JR., A. C. P. **A dimensão dos aspectos culturais na construção das paisagens sustentáveis das áreas alagadiças**: Pantanal do Pe. Inácio – Jauru, Cáceres – MT. Comunicação apresentada no I Encontro das ANPPAS. Indaiatuba, SP, nov. 2002. Disponível em: [http://www.anppas.org.br/encontro\\_anual/encontro1/gt/conhecimento\\_local/Onelia%20Carmem%20Rossetto.pdf](http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro1/gt/conhecimento_local/Onelia%20Carmem%20Rossetto.pdf). Acesso em: 01 dez. 2018.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, C. R.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

SILVA, J. S. V. da; ABDON, M. de M. Delimitação do Pantanal Brasileiro e suas sub-regiões. **Pesq. Agropec. Bras.**, Brasília, v.33, Número Especial, p.1703-1711, out. 1998.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade**, v.15, n.2, jul./dez. 1990.

## **SOBRE AS ORGANIZADORAS**

**DENISE PEREIRA** - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

**MARISTELA CARNEIRO**- Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Administração 3, 6, 26, 42, 50, 56, 57, 58, 59, 65, 66, 67, 70, 73, 74, 76, 80, 82, 102, 129, 130, 131, 137, 138, 139, 160, 161, 301, 321, 322, 369

África do Sul 148, 149, 150, 151, 154, 155

Arquitetura 32, 143, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172

Arquivo 1, 21, 26, 27, 29, 30, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 76, 77, 78, 81, 87, 111, 113, 115, 116, 117, 144, 243, 258, 371

Arquivos escolares 107, 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116

Arquivos municipais 1

### B

Bens patrimoniais 50, 55, 107, 108

Berçário “Mãe Cristina” 133, 134, 135, 137, 138

Burocracia 8, 65, 70, 80

### C

Cidadania 11, 12, 15, 16, 19, 56, 152, 153

Cidade 1, 5, 8, 12, 13, 14, 16, 21, 26, 35, 40, 41, 42, 56, 68, 77, 78, 80, 84, 85, 86, 87, 91, 93, 95, 96, 98, 102, 106, 109, 111, 114, 120, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 144, 147, 157, 158, 160, 164, 166, 167, 169, 171, 172, 179, 184, 185, 186, 187, 205, 218, 221, 223, 224, 226, 227, 229, 260, 268, 282, 288, 293, 296, 300, 301, 302, 303, 317, 319, 321, 323, 354, 359, 361

Construir 23, 85, 87, 101, 110, 123, 147, 157, 158, 172, 206, 209, 337, 341, 342, 345, 357

Creche 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Cultura 10, 12, 13, 16, 20, 27, 29, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 43, 50, 55, 60, 61, 63, 68, 81, 82, 89, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 108, 112, 113, 115, 117, 120, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 147, 151, 153, 154, 157, 161, 166, 171, 172, 173, 174, 176, 183, 190, 241, 242, 247, 249, 253, 259, 272, 273, 275, 276, 279, 281, 282, 291, 292, 343, 345, 347, 350, 355, 359, 360, 365, 366, 367, 372, 373, 376, 382, 384, 385

Culturas políticas 148, 149, 151, 154, 155

### E

Educação patrimonial 11, 12, 13, 16, 19, 20, 53, 54, 55, 56, 63, 107, 108, 109, 112, 113, 117

Ensino 12, 13, 18, 19, 20, 39, 53, 54, 55, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106, 111, 112, 131, 133, 137, 138, 140, 141, 147, 261, 270, 356, 368, 370, 371, 372, 374, 375, 379, 380, 381, 385

Ensino de história 12, 18, 19, 20, 53, 54, 97, 102, 105, 261, 270

Ensino primário 65, 66, 69, 80, 82

Estudos africanos 148, 155

Exército brasileiro 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 125, 144, 147

## F

Fiscalização 26, 65, 69, 70, 72, 74, 77, 80

Fontes históricas 6, 11, 17, 18, 20, 67, 113, 115, 318

## G

Grupo escolar 65, 66, 68, 71, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 167

## H

História 2, 3, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 37, 39, 40, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 62, 63, 66, 67, 82, 83, 84, 85, 87, 89, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 123, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 164, 165, 171, 172, 173, 174, 175, 182, 183, 190, 191, 192, 200, 201, 204, 210, 211, 213, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 239, 240, 242, 244, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 270, 271, 272, 277, 279, 280, 281, 282, 283, 287, 290, 291, 292, 294, 296, 301, 303, 304, 318, 324, 328, 329, 355, 356, 358, 360, 361, 364, 365, 366, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 376, 377, 379, 381, 382, 383, 384, 385

História da educação 66, 67, 82, 107, 108, 109, 112, 113, 114, 117, 133, 134, 139

História do tempo presente 148

História militar 141, 142, 143, 144, 147

Historiografia 6, 21, 100, 110, 114, 117, 127, 141, 142, 143, 146, 147, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 280, 281, 282, 290, 292, 294, 336, 339, 376, 383

## I

Identidade 2, 3, 10, 12, 13, 19, 22, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 57, 63, 70, 95, 96, 100, 101, 103, 106, 108, 113, 114, 143, 149, 153, 157, 161, 172, 202, 216, 222, 241, 243, 244, 245, 246, 253, 258, 275, 281, 289, 291, 333, 334, 343, 346, 350, 355, 364, 366, 384

Instituições profissionais 133

Interdisciplinaridade 2, 174, 183

Intervenção 84, 95, 106, 162, 203, 223, 354

## L

Lei 10639/03 97, 98

Luiz Gonzaga 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182

## M

Memória 11, 12, 13, 19, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 82, 84, 85, 87, 93, 95, 96, 108, 110, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 123, 125, 127, 129, 133, 142, 144, 151, 157, 172, 173, 174, 208, 219, 248, 250, 252, 254, 255, 256, 258, 259, 292, 303, 319, 320, 323, 324, 333, 334, 340, 350, 364, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 378

Montes Guararapes 45, 46, 47, 48, 49, 51

Monumento às bandeiras 84, 85, 86, 87, 91, 92, 95, 96

Morar 77, 157, 158, 165, 166, 172, 177

Município 1, 3, 4, 5, 6, 9, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 53, 57, 72, 73, 128, 131, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 160, 162, 186, 273, 274, 275, 361

Música 98, 174, 175, 177, 179, 180, 181, 182, 184, 216, 219, 225, 243, 244, 245, 248, 249, 250, 251, 252, 256, 257, 258, 259

## P

Pátio da cruz 84, 85, 90, 93, 94, 95

Patrimônio 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 62, 63, 84, 91, 95, 96, 107, 109, 110, 113, 115, 116, 117, 134, 149, 157, 161, 171, 172, 173, 177, 294, 298, 299, 300, 369, 371

Patrimônio cultural 1, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 30, 41, 49, 52, 54, 63, 96, 109, 113, 149, 157, 172

Patrimônio territorial 1, 3, 4, 5, 7, 9, 21, 22, 24, 25, 26

Potencialidades 23, 32, 40, 41, 44

Presença negra 97, 98, 99, 240

## R

Registros documentais 21

Relações internacionais 148, 149, 150, 155

## S

São Francisco do Sul 1, 9, 10, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 30

Serra Negra do Norte 32, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44

Sociedade 1, 4, 12, 19, 22, 23, 24, 29, 32, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 66, 67, 68, 71, 78, 79, 80, 81, 82, 97, 98, 99, 100, 102, 108, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 121, 124, 125, 126, 127, 142, 143, 145, 152, 153, 157, 159, 160, 161, 171, 172, 173, 190, 194, 195, 197, 198, 226, 230, 238, 240, 244, 254, 256, 275, 276, 279, 281, 286, 291, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 301, 302, 303, 318, 320, 321, 322, 323, 333, 346, 347, 355, 361, 365, 368, 372, 373, 374, 378, 381, 382

## T

Trabalhar 42, 63, 79, 100, 101, 123, 127, 137, 157, 158, 160, 165, 166, 172, 177, 279, 307, 308, 361, 362, 369

Turismo sustentável 32, 41

## V

Vigésio Sétimo 27º Grupo de Artilharia de Campanha 141, 142, 144

Vila 1, 5, 8, 21, 26, 41, 160, 168, 283

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-823-6

